

O MEDIADOR ESCOLAR COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL POTENCIALIZADORA

Sandro Henrique da Rocha Lemos – FAETERJ - sandrorocha13@hotmail.com

Ana Caroline de Souza Lima – Faculdade de Santo Antônio de Pádua - carolsouza3005@gmail.com

Katia Simone Fernandes de Barros – FAETERJ – katia2736@gmail.com

Thacio Azevedo Ladeira – Universidade Federal Fluminense – thacioladeira@gmail.com

Charles Oliveira Magalhães – Universidade Federal Fluminense – charles.magalhaes@hotmail.com

Introdução: Ao analisar sobre os processos de inclusão de modo geral, é possível perceber que muitos avanços já foram alcançados, primeiro no âmbito legislativo, em seguida, por meio de transformação do cotidiano escolar, como pretende demonstrar o presente trabalho. Como resultado de novas posturas assumidas pela política pública do município de Miracema/RJ, tornou-se fortalecido o movimento de inclusão escolar potencializado pela criação de um grupo de mediadores, que através da prática de assessoramento, tem representado um salto no processo educacional de alunos/as em processos de inclusão do município. O grupo é formado por professores vinculados à secretaria do município, com extensa bagagem escolar, e por estagiários de cursos de pedagogia de instituições federais das proximidades locais do município, como UFF e FAETERJ, que tem afinado, juntamente com Miracema, o diálogo sobre inclusão.

Nessa pesquisa, apresentamos a mediação escolar, tecnologia educacional utilizada em vários países e em poucas experiências brasileiras (MOUSINHO et al, 2010), como uma possibilidade para inclusão escolar. De acordo com KAUFMAN (2013) o mediador pode atuar em todos os espaços da escola atendendo as demandas que surgem em relação às dificuldades do aluno. “Esse trabalho precisa ser construído em parceria com a escola, principalmente com os professores, de forma que se configure uma intervenção conjunta para que a vivência escolar do aluno em questão tenha maior qualidade” (KAUFMAN, 2013).

Metodologia: Utilizamos o método de pesquisa cartográfico e destacamos, por meio do estudo de caso, relatos de um aluno de 5 anos, de uma escola municipal de uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro. No início do processo, Téo (assim denominaremos a criança), apresentava dificuldades no desempenho de atividades de concentração. Sua socialização também precisava ser estimulada, pois comportamento irritadiço com os colegas de classe e com a professora fazia parte da rotina do aluno que, quando contrariado, arremessava qualquer objeto mais próximo. A necessidade de aperfeiçoamento em sua coordenação motora fina tornava desafiador realizar tarefas utilizando lápis, desestimulando o processo educacional do aluno.

A criação de um Núcleo de Atendimento Especializado no município, o NAE, com ênfase no trabalho para inclusão escolar possibilitou a inserção ecológica (BRONFENBRENNER, 2011) dos mediadores, fator de facilitação do encontro pedagógico. A inserção dos mediadores na escola foi assumida tendo como método a cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015), o que requer uma postura de imersão no local da pesquisa. Habitar no território de pesquisa demanda do cartógrafo despir-se de buscas

previamente determinadas a fim de assumir uma postura acolhedora do real, estando preparado para as surpresas que o caminho da pesquisa pode apresentar.

A cartografia é um método de Gilles Deleuze e Félix Guatari, que visa o acompanhamento de processos, não de objetos (PASSOS; KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015). A cartografia, compreende, assim, a imersão num território mas não restringindo-se apenas a este. O caráter transversal das relações pode vir a lançar pistas de intervenções em outros territórios, sendo necessário ao cartógrafo aventurar-se à circunvizinhança.

Resultados e Discussões:

Já no início do processo de inclusão, informaram-nos que o aluno recebeu diagnóstico de hidrocefalia, apresentando dificuldades cognitivas e motoras. Diante disso, o trabalho de mediação explorou o uso de jogos pedagógicos, dialogando com os interesses do aluno, possibilitando aprendizagens singulares por meio das brincadeiras. O cuidado de repensar a prática pedagógica, tornando-a mais lúdica e adaptada para receber o aluno consiste no elemento fundamental do ensino inclusivo, visto que muitos professores apresentam resistência para refletir e modificar suas práticas. De acordo com Dante (1998, p.49):

as atividades lúdicas podem contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento da criança. Vários estudos a esse respeito vêm provar que o jogo é uma fonte de prazer e descoberta para a criança [...]

O avanço de dias com a contribuição da mediação possibilitou resultados gradativos que, por meio de atividades lúdicas, resultou na integração do aluno com a turma e constância nas atividades de aula, desenvolvendo firmeza em suas mãos, facilitando, por exemplo, a realização de desenhos que, atualmente, já estão mais desenvolvidos. A parceria entre mediador e professor/escola foi um ponto positivo no processo do educando, além do diálogo com a família que também foi estreitado, de modo que já é possível ouvir relatos de que o aluno obteve melhora significativa em seu comportamento também em casa por meio de conquistas plurais.

Conclusões: A análise desse processo nos permite concluir que o desenvolvimento educacional do pequeno Téo não ocorre em um tempo pré-determinado, mas de maneira singular, dentro de suas possibilidades e potencialidades.

Observamos que durante o percurso do educando na escola, todos os alunos aprendem a conviver com as diferenças diariamente e que a mesma construiu vínculos importantes para sua formação. Percebemos ainda que a sensibilidade dos encontros que a escola possibilita se constitui como o pilar central de sua aprendizagem. O valor humano da alteridade demonstra que também é construído através do encontro. O acolhimento, os gestos, e a preocupação constante com o outro fazem com que o conhecimento adquirido na escola não seja apenas conteudista.

Enquanto educadores, devemos romper com o que está instituído, desinstitucionalizando as práticas excludentes e instituídas (GUATTARI, 1987). Podemos dessa forma fortalecer uma visão coletiva e não individualizada e homogênea daquilo que nos perpassa e nos constitui enquanto sujeitos. Assim, a ideia de uma escola inclusiva deve estar ancorada à ideia de escolas diversas e plurais, efeito de experiências bem-sucedidas, sempre particulares, que já foram construídas ou estão por construir permanentemente e historicamente, sendo contra aquilo que querem homogeneizar o que é diverso por condição.

Referência de pesquisa:

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento: tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre, Artmed, 2011.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da matemática na pré-escola: Por que, o que e como trabalhar as primeiras idéias matemáticas.** São Paulo: Ática, 1998.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular. Pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

KAUFMAN, Nira. **Cinco pistas para uma prática de mediação escolar não medicalizante.** In: Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ (Org.). **Conversações em Psicologia e Educação.** Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 5ª Região, 2013.

MOUSINHO, Renata et al. **Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões.** Rev. psicopedag., 2010, vol.27, no.82, p.92-108.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Alegre: Sulina, 2015.